



ENTREVISTA

ISABEL CRISTINA KOWAL OLM CUNHA: CONHECENDO A TRAJETÓRIA DE UMA ENFERMEIRA DOCENTE

ISABEL CRISTINA KOWAL OLM CUNHA: GETTING TO KNOW THE PATH OF A NURSE PROFESSOR

ISABEL CRISTINA KOWAL OLM CUNHA: CONOCER LA TRAYECTORIA DE UNA ENFERMERA DOCENTE

Camila de Oliveira Bezerra¹

Genival Fernandes de Freitas²

Resumo

O presente depoimento, construído a partir de entrevista realizada no ano de 2012 com a enfermeira e docente Isabel Cristina Kowal Olm Cunha, integra uma das atividades da disciplina “Análise ético-legal e histórica do exercício da enfermagem” do Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da USP. É parte do Projeto “Memória da enfermagem brasileira e em São Paulo”, incorporado ao Acervo do Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana (CHCEIA). Evidencia as contribuições e a dedicação profissional da entrevistada em atividades profissionais e associativas, desde sua vida acadêmica e atuações profissionais, discorrendo, inclusive, sobre os desafios da enfermagem brasileira na atualidade, no âmbito da assistência de enfermagem, docência, pesquisa e na gestão dos serviços de enfermagem e de saúde. Sua trajetória profissional reflete uma posição de liderança na enfermagem brasileira, sobretudo na sua atual área, que é a docência.

Descritores: História da Enfermagem; Pesquisa em enfermagem; História.

Abstract

The testimonial herein, built upon the interview conducted in the year 2012 with nurse Isabel Cristina Kowal Olm Cunha, integrates one of the activities of the discipline "Ethical, Legal and Historical Analysis of the Nursing Practice" of the Post Graduate program of the Nursing School of Universidade de São Paulo and constitutes part of the project titled "Memory of Brazilian Nursing in the state of São Paulo", incorporated into the Library of Historical Center of the Ibero American Nursing Department. The depositions shed light on the contributions and professional dedication of the interviewee in a number of associative activities, from her academic life and professional input to a breakdown of the challenges posed by nursing as a practice, subject taught in classrooms, research and management of nursing and health services. Your professional trajectory reflects a lead position in the Brazilian nursing, overcoat in your current area, which is the teaching.

Descriptors: History of Nursing, Research into nursing; History.

Resumen

Este testimonio, construido a partir de entrevistas realizadas en 2012 con la enfermera Isabel Cristina Kowal Olm Cunha, integra las actividades del curso "prácticas ético-legal e histórica Análisis de la enfermería" Graduate School Program enfermería de la USP, y forma parte del proyecto "memoria de la enfermería brasileña y São Paulo", incluido en la Colección del Centro de Historia de la Cultura Iberoamericana (CHCEIA). La declaración destaca las contribuciones y la dedicación de las asociaciones profesionales entrevistados en diversas actividades, ya que su rendimiento académico y profesional, hablando incluso sobre los desafíos de la enfermería brasileña hoy, bajo los cuidados de enfermería, la enseñanza, la investigación y la gestión de servicios de enfermería y de salud. Su carrera refleja una posición de liderazgo en la enfermería brasileña, en especial en su superficie actual, que es la enseñanza.

Descriptor: Historia de la Enfermería, la investigación de enfermería; historia.

Introdução

A profissão de enfermeira se tornou visível, em 1860, em Londres, na Escola de Enfermagem do Hospital Saint Thomas, criada por Florence Nightingale, com propósito de

formação de mulheres para o cuidado. Nesse espaço público, da escola e do hospital, a mulher se inseriu no universo do trabalho, na divisão social e técnica do trabalho, subordinando-se ao homem. Como enfermeira, ou no trabalho da alfabetização, a mulher vai ampliando o rol das atividades além do espaço restrito do lar, nas diversas temporalidades, ao longo dos séculos XIX e XX¹.

A Enfermeira e Professora *Isabel Cristina Kowal Olm Cunha*, nasceu em 29/12/1955, em Porto Alegre. Proveniente de família religiosa, seu pai possuía formação teológica, e atuou como advogado. Estudou no colégio adventista, onde cursou a Faculdade Adventista de Enfermagem¹, de 1973 a 1975, formando-se aos 20 anos de idade. Essa instituição era, naquela época, uma das poucas faculdades de enfermagem com caráter religioso. A escolha pela profissão foi apoiada por sua família. O seu pai foi responsável pelo projeto de implantação da Escola de Enfermagem, através de doação do governo alemão, para essa entidade religiosa.

Em seus 37 anos de carreira profissional teve importante papel no cenário da enfermagem brasileira. Foi uma das 5 (cinco) primeiras enfermeiras a atuar no Hospital Albert Einstein² em 1976, exercendo diferentes papéis, como responsável pela abertura do setor na área de radiodiagnóstico, à época em que os primeiros equipamentos de tomografia, ultrassom e ressonância chegaram ao Brasil, importados de Israel.

Foi responsável pela direção e organização do serviço de enfermagem de diferentes hospitais em São Paulo, dentre eles o Hospital Israelita Albert Einstein, Hospital Modelo, Hospital Montreal e Gastroclínica. Cursou mestrado na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – EEUSP³ e doutorado na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo – EEUNIFESP⁴, em que se tornou livre docente, em 2011.

Também foi responsável pelo processo de construção e implantação da disciplina de Administração do Curso de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem do Hospital Israelita Albert Einstein⁵, e construção e implantação do Curso de Enfermagem da Universidade de Santo Amaro – UNISA⁶. Foi candidata à vice-reitoria da UNIFESP, e atualmente é coordenadora da pós-graduação *Stricto Sensu* da Escola Paulista de Enfermagem da UNIFESP.

O interesse em entrevistar esta personagem se deve ao fato de uma das autoras ser aluna do programa de mestrado da Escola de Enfermagem da UNIFESP, instituição em que a entrevistada atua. A motivação para tal deve-se, ainda, ao fato de existir um elo de admiração e respeito profissional, tendo-a como exemplo inspirador para minha carreira profissional.

A concretização desse depoimento relaciona-se ao fato de que uma das autoras estava cursando a disciplina de pós-graduação “Análise ético-legal e histórica do exercício da

enfermagem”, da Escola de Enfermagem da USP, no ano de 2012, sob a coordenação dos Professores Genival Fernandes de Freitas e Taka Oguisso. Naquela ocasião, a atividade de estudo recomendada pela disciplina requeria que cada pós-graduando escolhesse e entrevistasse uma enfermeira brasileira que tivesse contribuído com suas atividades profissionais para o desenvolvimento da enfermagem no nosso país. O projeto “Memória da Enfermagem Brasileira e em São Paulo” tem como proposta a criação de um banco de dados de entrevistas gravadas com enfermeiras/os, incorporado ao acervo do Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana (CHCEIA), da Escola de Enfermagem da USP². **Objetivos** Este artigo tem como objetivos descrever e analisar a carreira profissional de Isabel Cristina Kowal Olm Cunha e suas contribuições à Enfermagem brasileira. Com isso, pretende-se contribuir para a historiografia e a identidade da enfermeira brasileira, subsidiando novos projetos de pesquisas que invocam a memória e essa temática.

Metodologia

Trata-se de estudo da biografia da Enfermeira e Docente Isabel Cristina Kowal Olm Cunha. A coleta de dados se deu pela história oral. “O estudo da história oral remete à história do tempo presente, cujas características fundamentais seriam a presença de testemunhos vivos que tem como vantagem terem presenciado a ocorrência de fatos”³.

Primeiramente foi realizado contato prévio com a entrevistada, explicando o projeto e interesse na sua personagem, com aceitação da mesma. A entrevista foi realizada, pessoalmente, em 18 de abril de 2012, com duração de 2h30min, na Escola Paulista de Enfermagem da UNIFESP. Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a Carta de Cessão de Direitos Autorais em favor do Centro Histórico e Cultural da Enfermagem Ibero-Americana da Escola de Enfermagem da USP, assim assinados pela entrevistada. Esse procedimento foi necessário para dar cumprimento aos preceitos éticos e legais sobre a pesquisa envolvendo seres humanos.

A gravação foi feita através de gravador portátil, seguindo um roteiro de perguntas estabelecidas pelo projeto memória, sendo: trajetória acadêmica (7 perguntas), trajetória profissional (5 perguntas), inserção do homem na profissão de enfermagem (5 perguntas), situações especiais (6 perguntas) e visão futurista (1 pergunta). Depois de transcrita foi realizada sua validação, concomitante ao áudio, procedendo às devidas correções. Em seguida, a transcrição foi submetida à entrevistada via e-mail, como oportunidade de completar ou alterar as informações fornecidas. Em seguida o texto foi devolvido à entrevistadora. Nessa sequência fora

agendado encontro para rubrica das páginas da transcrição, da qual já fora corrigida parte da narração vetada ou substituída pela entrevistada. Em seguida realizou-se a transcrição agrupando as perguntas e as respostas aos temas. A transcrição é uma ação que surge da necessidade de reformular a transcrição literal para torná-la compreensível à leitura, procurando corrigir a desigualdade existente entre o código oral e o código escrito⁴. Para garantir a precisão do depoimento, contou-se com a participação de outro pesquisador que acompanhou todo o processo de transcrição. Após essa etapa considerou-se encerrada a segunda textualização e cumprida à etapa de conferência e legitimação, resultando no depoimento a seguir.

Desenvolvimento da trajetória

Vida acadêmica:

Eu me formei muito jovem, aos 20 anos, na Faculdade Adventista de Enfermagem que é uma escola particular aqui em São Paulo. Naquela época, a grade curricular era de três 3 anos de graduação e um 1 de habilitação. O curso era anual. Colávamos grau duas vezes, a primeira, quando concluíamos a graduação e ao término da habilitação. Eu me formei em 1975 e fiz a Habilitação em Enfermagem Médico-Cirúrgica em 1976.

Enfermagem, fora a minha primeira e única escolha profissional. Uma escolha meio por acaso, porque eu venho de uma família religiosa, meu pai tem formação pastoral, apesar de atuar como advogado. Eu estudava na escola onde tinha a Faculdade Adventista, que é uma escola conotação religiosa, e os meus amigos na época, eram todos de alguma maneira vinculados ou ao Colégio ou a Igreja.

Naquela época fazer enfermagem era o “must”, e era um dos cursos que estavam na “crista da onda”. A enfermagem era uma profissão reconhecida, tinha mercado de trabalho, apesar do número pequeno de enfermeiros. O cuidado direto era delegado para os atendentes e auxiliares de enfermagem, não existia a profissão de técnico de enfermagem, nem a lei do Exercício Profissional. As ações do enfermeiro eram pontuais, o enfermeiro fazia a supervisão, e alguns cuidados mais específicos, mas não tinha assim uma delimitação.

Eu prestei vestibular e passei na primeira lista. A diretora da Faculdade era uma amiga de família, ela veio junto com a minha tia da Rússia, imigrante, que era a Professora Maria Kudzielicz⁷, foi ela quem montou a escola de enfermagem. Para minha família, eu fazer essa

escolha, num curso dentro da mesma escola religiosa, numa escola que a Maria tinha montado que era uma enfermeira reconhecidíssima, foi ótimo.

O Curso de Graduação em Enfermagem era em horário integral, entrávamos as sete horas e saímos as 17 horas. Estaguei no Hospital Emilio Ribas⁸, Hospital do Servidor Público Estadual⁹, Hospital do Cotoxó¹⁰, e em todos os Hospitais do Complexo HC – Hospital das Clínicas¹¹ e no Hospital Heliópolis¹².

A carga horária do curso eram 3.500 horas no mínimo, com mais mil e tantas de habilitação, sendo 50% teórica e 50% prática. Tive professores muito bons, como a Wanda de Aguiar Horta¹³ e várias professoras que foram diretoras do complexo H.C. Existiam poucas escolas de enfermagem em São Paulo, entre as quais a Escola Paulista de Enfermagem, Escola de Enfermagem da USP, Universidade de Mogi das Cruzes¹⁴ e a Escola Adventista.

A escola mais conceituada era a Escola (EEUSP), porque tinham professores que se dedicavam a estudar, que faziam pesquisas com olhar de desenvolvimento para enfermagem. As disciplinas eram desenhadas como hoje, eu tinha Fundamentos de Enfermagem, Sistematização da Assistência de Enfermagem, Semiologia e Semiotécnica. A apostila era rodada em mimeógrafo, não era comum utilizar Xerox.

A disciplina na escola era muito rígida, tinha internato masculino, feminino e a Faculdade de Teologia. O uniforme era saia abaixo do joelho, casaquinho com bolso, meia de nylon e sapato fechado. E no inverno, usávamos casaco branco ou azul marinho, cabelo preso, sem esmalte, sem adornos, somente relógio. A diretora ficava na porta da faculdade olhando o tamanho da nossa saia, enrolávamos a saia, porque era época da mini-saia, e a professora falava “pode ir abaixando a saia”. Não existia a liberdade que temos hoje com os alunos.

A média para ser aprovada era de nota 7 (sete). Tínhamos um laboratório muito bom, a prática de banho era feita no boneco, mas as de injeções eram feitas em dupla, não tinha seringa descartável, somente de vidro. A minha primeira punção venosa eu fiz na diretora da escola, foi um grande desafio.

A vida profissional

Naquela época era muito comum ter estagiários de enfermagem trabalhando em Hospitais na função de encarregado de unidade, sendo intermediária entre auxiliares e enfermeira. No período de março de 1974 a fevereiro de 1975, fui trabalhar como estagiária no Hospital Edmundo Vasconcelos, antigamente chamado Gastroclínica, que era o Hospital do Banco do Brasil,

trabalhava 12 horas e folgava 36. Estudava durante o dia e trabalhava durante a noite. Eu ganhava bem para o padrão da época, tenho recordação do meu primeiro salário, quando eu comprei uma linha telefônica, para pagar em 36 meses. A melhor experiência da minha vida, foi a de ter trabalhado como aluna, foi assim que aprendi muita coisa que me direcionou para a profissão.

Em 1975, quando eu me formei recebi um convite da Gastroclínica para trabalhar como efetiva, à tarde, mas como já havia feito matrícula para Habilitação em Enfermagem Médico-Cirúrgica, não pude aceitar, fiz um acordo e fui dispensada.

Em abril de 1975, comecei a trabalhar no Hospital Albert Einstein, como enfermeira assistencial de duas unidades, no período da noite. A gerente do Serviço de Enfermagem era a Enfermeira Dona. Lore Cecília Marx¹⁵. Havia cinco enfermeiros, no hospital inteiro, porque não era usual ter enfermeiro 24 horas, os turnos da enfermagem eram de 9 horas diárias, não existia legislação. Assim que eu acabei a especialização, passei para o horário da tarde, e acumulei a supervisão geral de enfermagem do hospital.

Em 1976, com a saída da Enfermeira Lore, recebi um convite para assumir o seu lugar, e não aceitei, pois eu era recém-formada. Porém, acabei cobrindo licença maternidade da enfermeira que assumiu a gerência.

No Einstein, minha trajetória iniciou como enfermeira assistencial do plantão noturno, depois como enfermeira do plantão da tarde, daí supervisora do plantão da tarde, depois enfermeira da Educação em Serviço e substituta da Chefia do Serviço de Enfermagem. Finalmente, fui abrir a área nova de enfermagem de radiodiagnóstico.

Não existia ultrassom, tomografia computadorizada, e não tinha gama câmera para radioterapia, eu fui à primeira enfermeira a gerenciar esse serviço. Foi uma experiência muito rica. Saí do Hospital Albert Einstein porque tive um desentendimento com o diretor do raio-x.

Viajei para os Estados Unidos, onde fiz visitas técnica em três grandes Hospitais da Califórnia. Retornei, e fui trabalhar como Chefe de Enfermagem do Hospital Modelo, onde eu estabeleci um excelente relacionamento profissional com o diretor clínico, e ele me convidou para dirigir o Hospital Montreal em Osasco, que era um Hospital novo.

Naquela época, o Governo Federal liberava empréstimos para a construção de Hospitais, através de financiamento porque não tinha leitos suficientes, isso fez com que a medicina de grupo¹⁶ crescesse. Havia medicina de grupo em Osasco que atendia as empresas da região, e o diretor clínico me levou para essa clínica, que virou um hospital pequeno com 100 leitos. Iniciei as

minhas atividades quando estavam mobiliando o hospital, permaneci por vários anos como Chefe do Serviço de enfermagem.

Nesse período resolvi prestar vestibular para Direito na FUVEST, passei na primeira fase, e também prestei processo seletivo para o Mestrado, ao saber que havia sido aprovada no Curso de Pós Graduação Strictu Senso, desisti do curso de Direito, e resolvi fazer o mestrado na Escola de Enfermagem da USP.

Eu me lembro que fiz a entrevista com a Profª Paulina Kurcgant¹⁷. Naquela época, a professora titular da área de Administração, era a Profa Dra. Circe de Melo Ribeiro, que estava se aposentando, e a Paulina Kurcgant estava assumindo essa área do conhecimento no Departamento de Orientação Profissional, da Escola de Enfermagem da USP.

Eu me lembro da defesa da professora Paulina, foi emocionante. Lembro-me dos embates que tínhamos com a Dra. Circe que estava saindo, pois ela era muito polêmica, extremamente competente nas suas ações, e fez História na Enfermagem. A Dra Circe contribuiu com o seu trabalho no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), no Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS) e na Escola de enfermagem da USP.

Entrei no mestrado em 1985 e defendi em 1991. Eu fazia o mestrado quando o Tancredo Neves¹⁸-estava internado no INCOR¹⁹. E eu namorava o meu marido, que era o diretor do Serviço de Farmácia.

Eu vivenciei a implantação da Sistematização da Assistência de enfermagem, com muita discussão, porque o modelo utilizado era o da Dra. Wanda de Aguiar Horta de seis etapas, um modelo bastante complicado, com questionário de coleta de dados de cinco páginas, era inviável. A Dra. Liliana Daniel²⁰, que era uma professora da faculdade que seu estudei, em sua tese de livre docência, propôs um modelo mais resumido que o da Wanda Horta, com só três etapas, esse modelo foi utilizado por algumas instituições.

Em relação às outras profissões, no Einstein tínhamos contato com uma nutricionista, farmacêutico, com o médico e com o enfermeiro, eram os 4 quatro profissionais, e a relação era boa. Grande parte dos médicos plantonistas daquela época, hoje são professores titulares da UNIFESP.

Acredito que o fato de aumentar o número de profissões na área da saúde na sociedade, trouxe algumas complicações, principalmente no sentido de limitar as atribuições de cada profissional, o que é extremamente complicado. A enfermeira tem perdido algumas coisas para os outros profissionais, por exemplo, na fisioterapia. Vejo bem essa situação, e se não tomarmos cuidado, vamos perder o curativo também, a aspiração traqueal, assim como podemos perder

toda parte respiratória e motora, porque antes era o enfermeiro que fazia exercício passivo e ativo, tapotagem, exercício com BIRD, era item de prescrição de enfermagem, e hoje é responsabilidade de outro profissional.

Em 1985, eu resolvi sair do Hospital Montreal e fui para o Hospital Evaldo Foz. Iniciei como chefe do Pronto-Socorro e depois como Vice-Diretora de Enfermagem. Nessa época, eu tinha uma colega do Einstein, que era enfermeira no Hospital São Paulo e professora na Escola de Enfermagem da UNIFESP, já falecida. Ela me ligou e falou que estava aberto o concurso para professor de administração, e que já havia inscrito o meu nome.

Prestei o concurso em 1985, e passei em primeiro lugar. Assumi, inicialmente, por 20 horas. Pedi demissão do Hospital Evaldo Foz. Permaneci por cinco anos em regime de dedicação exclusiva. Casei, tive filho, fui morar em Brasília/DF, e depois voltei, e fui terminar o mestrado. Naquela época, o mestrado era de 8 anos.

O Serviço Público Federal possibilitou a mudança do regime de trabalho. Eu passei para 40 horas. Voltei para o Einstein, dessa vez para Faculdade, para implantar a disciplina de Administração, onde fiquei por quatro anos, até o início de 1996, período que recebi um convite irrecusável para implantar a Escola de Enfermagem da UNISA (Universidade de Santo Amaro) como Diretora de Enfermagem. O convite veio através do professor Liberato Dí Dio²¹. O projeto era da professora Tâmara Cianciarullo, que não queria dirigir a escola, iniciou o processo no Ministério da Educação (MEC) até obter a autorização para o funcionamento. Trabalhei na UNIFESP durante à tarde e na UNISA pela manhã, por 13 anos.

Resolvi voltar para dedicação exclusiva na UNIFESP, porque eu estou perto de aposentar, e precisava investir mais na minha carreira. Eu queria fazer a livre docência, quero concorrer para professor titular. Eu precisava de mais dedicação aos orientandos de mestrado e doutorado, buscar financiamento de pesquisas, me tornar pesquisadora CNPq - (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), me preparar para livre docência, publicar mais, e eu não teria condições de fazer tudo isso, ficando nos dois lugares.

Eu saí da UNISA em dezembro de 2008, em fevereiro de 2009 eu solicitei dedicação exclusiva, me preparei pra livre docência, e em 2011 defendi. Agora aguardo vaga de professor titular, e espero ter condição de concorrer. Efetivamente eu estou comprometida com várias atividades.

Resumindo, eu tenho experiência hospitalar, de ensino, assistencial, de gestão hospitalar e de ensino, de graduação, especialização, mestrado, doutorado, e pesquisa, a mais recente.

Eu consegui fazer uma trajetória bem interessante. Gosto de gestão, mas o que eu gosto mesmo é de trabalhar com pessoas. Trabalhar com alunos discutindo no terreno das ideias, acompanhar o aluno e dizer “puxa, ele conseguiu chegar aqui sem saber o que é Vancouver, e entrega um projeto e defende sozinho.” Não tem preço!!!”.

A área de ensino e de pesquisa talvez seja a que mais me toca atualmente. Como eu já transitei por todas, acho o trabalho no hospital bárbaro, mas é um trabalho perverso porque não importa quão competente você seja os problemas serão os mesmos. Gestão também, ela tem muita questão política, depende de quem está acima de você, depende do grupo que você tenha abaixo, depende das condições de trabalho. Agora a pesquisa, é uma interação com o aluno, independente de ter um computador para trabalhar ou não. A relação pessoal é bastante satisfatória.

Inserção do homem na profissão de enfermagem

Na faculdade eu tinha cinco colegas de turma, homens. O tratamento era igualitário. Eu vivi a inserção do homem na Enfermagem, claro que a inserção do homem é infinitamente menor que a da mulher. Sempre que eles podem, migram para outras áreas.

No Conselho Regional de Enfermagem e também no Federal há uma presença masculina mais expressiva, porém devo ressaltar que a relação com o gênero masculino é extremamente cordial. O homem tem facilidade para se sobressair mais do que as mulheres, talvez isso ocorra por causa da característica feminina e o fato de algumas mulheres serem mais dóceis, eu não diria submissas, mas são mais conformadas.

Situações especiais - estilo de lideranças na enfermagem

Havia lideranças na Enfermagem e sempre conto isso aos meus alunos. Uma grande liderança foi a Profa Doroty Volkers²². Ela era diretora do Hospital Emilio Ribas a época, e minha professora de Centro Cirúrgico no Hospital das Clínicas. A Doroty era uma figura polêmica, extremamente afetuosa e competente. Ela quebrava o tabu religioso, às vezes escandalosa demais para o padrão da Escola.

Ela era o modelo de enfermeira que eu gostava, ela era da prática e eu queria ser da prática. Quem operava à tarde no HC naquela época, era o Professor Zerbini²³, era um dos titulares porque de manhã era congestionado. O Zerbini fazia muita cirurgia cardíaca, eles

estavam testando válvulas, foi à época do primeiro transplante. Ela entrava e dizia assim: “Euryclides! (era o Professor Zerbini), vou colocar minhas meninas para instrumentar para você, faça o favor hein! Você toma conta delas, não vai ficar gritando aqui, elas estão aprendendo!” Ficávamos tensas, imagine instrumentar para o Professor Zerbini que saía na revista.

Eu sempre dizia que eu ia ter um sapato e uma bolsa igual ao da Doroty. Ela tinha um sapato e uma bolsa verde bandeira, e vestia branco. Eu olhava a roupa dela, era lindo aquele sapato, ainda mais na Doroty, mais lindo ainda. Quando me formei uma das primeiras compras que eu fiz, foi um sapato e uma bolsa verde bandeira. Durante muito tempo eu usei aquele sapato e a bolsa verde bandeira, porque me lembrava da professora Doroty. Ela brincou comigo, a última vez que me encontrou, perguntou: e o sapato verde? Porque ela conhece essa história, eu sempre digo a ela que foi minha “ídola”, durante a faculdade, porque ela foi uma pessoa muito positiva, me ensinou postura, a ser firme e não ter medo de enfrentar as pessoas, porque ela não tinha medo. Ela foi uma pessoa que me marcou muito!

Situações especiais - memórias de amigos de trabalho

Em cada lugar que percorri, profissionalmente, existe um grupo querido. Para essa atividade da memória da enfermagem brasileira, eu indicaria a Profa Maria Cristina Sanna²⁴, a minha parceira de discussão. Costumo dizer que ela é minha interlocutora predileta, porque somos muito diferentes, e da mesma área de administração. Eu gosto muito dela, porque ela é uma pessoa séria, verdadeira e mais do que isso é uma pessoa muito inteligente e que estuda muito, dialogar com ela é uma experiência de aprendizagem. Acredito que tenha boas contribuições.

Visão futurista – ABEN, COFEN, COREN e Sindicato dos Enfermeiros

Acredito que o principal desafio da enfermagem como profissão está relacionado ao mercado de trabalho para os novos enfermeiros. Quem são os novos enfermeiros? É a nova geração X e Y, uma geração insubordinada, não no mau sentido, mas que não viveu a ditadura, que não viveu problema monetário.

É a geração das minhas filhas. Elas não são submissas, não se conformam, querem resposta imediata, são atualizadas em tecnologia, fazem dez coisas ao mesmo tempo. É essa geração que

nós temos que incorporar. É necessário mudanças nos modelos de gestão, para transformarmos certas estruturas hierárquicas na enfermagem.

Em relação às entidades de classe da enfermagem, acredito que o Sindicato dos Enfermeiros, não nos fortalece enquanto categoria profissional, porque durante algum tempo as entidades acabaram misturando papéis, nosso Sindicato não é um Sindicato forte, seria um Sindicato forte se todos os enfermeiros fossem sindicalizados. Acredito que o papel do Sindicato não vai crescer, vai continuar assim, com meia-duzia de pessoas, claro, que lutam, mas ainda é uma bandeira menor, quem tem bandeira maior, é quem tem recursos financeiros.

A Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN) é a associação mais forte, mãe de todas as outras, mas precisa achar a fórmula de renovação. Porque tem poucos associados, e as pessoas envolvidas são sempre as mesmas. Sou abenista desde aluna de enfermagem, fiz parte da diretoria por quatro gestões em São Paulo e na ABEN nacional, em dois cargos. As pessoas que batalham na Associação fazem por heroísmo, investem do próprio bolso. Esse modelo está perto de extinção.

O Conselho Regional de Enfermagem (COREN), em São Paulo terá boas atuações, com a nova diretoria. Conheço o Mauro Antonio Pires Dias da Silva²⁵, de quem tenho excelente conceito. Acredito que essa gestão por ser contrária a anterior, estará pautada em não repetir os erros apontados.

Os movimentos governamentais e mesmo privados que foram feitos com intenção de acabar com o atendente, e mesmo profissionalizar melhor o auxiliar e transforma-lo em técnico foram muito bem vindos, tiveram um resultado bom, por outro lado houve um aumento exagerado do número de escolas de enfermagem e este número exagerado fez com que o mercado ficasse inflacionado de enfermeiros mal formados. Que já é percebido no mercado de trabalho, algumas instituições que não contratam enfermeiros formados em determinadas faculdades. Dão preferência para formação em Faculdades mais conceituadas. Isso é um problema que mais dia menos dia, o Conselho vai ter que regulamentar, eu questiono, exame da ordem é bom para nós? Acredito que se continuar com essa política de abertura de escola, de formar alunos com estágio só no último ano, a solução será o exame. Terá que renovar a licença profissional a cada período de tempo. A Dra. Maria Cristina Sanna, há algum tempo atrás fez um projeto para a ABEN de certificação. É uma coisa interessante, mas eu acho que precisa discutir isso na categoria, acredito que vamos acabar evoluindo para esse modelo.

No Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) eu não seria tão otimista. O grupo que está entrando é um grupo competente, a Márcia Cristina Krempel²⁶ é uma pessoa comprometida. É a

primeira vez que se integrou a chapa, então, certamente vai ter bastante dificuldade porque o pessoal do sistema COFEN- COREN é um pessoal que milita há muitos anos.

Acredito que não superamos a fase pós Gilberto Linhares²⁷. Passaram-se 2 (duas) gestões depois dele mas a gente ainda não superou. Ele passou por julgamento ético, perdeu o direito de exercer como enfermeiro, porém durante o período em que ele foi presidente do Conselho Federal, aprovando ou não, as ações erradas que ele fez, ele projetou muito a enfermagem, não estou entrando no mérito de certo ou errado, isso é com a justiça. Nosso Conselho passou a ter representatividade, passou a aparecer na mídia, enfim, de outra maneira que até então não tinha acontecido. Isso é um fato positivo.

Defendo a ideia que no Conselho Federal, tenha um quadro de enfermeiros eleitos ganhando. O corpo de colaboradores que trabalham atualmente são funcionários da autarquia, concursados, mas não são enfermeiros. Os outros profissionais: secretária, assessor, etc. e o pessoal da diretoria free-lancer, vai uma vez por mês ou a cada 15 dias. Teríamos melhores resultados se tivéssemos um pessoal efetivo, fixo e ganhando. Sendo um emprego e com prazo determinado para não se perpetuar no poder.

Enfim, temos vários desafios, mas precisa assegurar que essa geração nova seja incorporada adequadamente e faça a enfermagem crescer. Porque é essa enfermagem que vai cuidar de nós. Portanto, o ensino requer novas práticas, diferente da maneira de como fui ensinada, com a diretora da escola na porta da escola olhando o cumprimento das saias. Eu tenho aluna de shortinho, que atende o celular na minha frente e falando alto. Estamos em uma geração em que os limites são muito tênues. Não podemos utilizar o mesmo referencial da Florence Nightingale²⁸ que, claro, fora importante, a época dela. Eu tenho dúvidas, se hoje os princípios da Florence seriam 100% aplicáveis.

Considerações Finais

O papel social do pesquisador da história da enfermagem possibilita resgatar a memória coletiva dos profissionais de enfermagem, sobretudo da mulher enfermeira. Refletido no pensamento que “a transformação do mundo virá pelas mulheres⁵”. O fato é que elas estão desafiando espaços políticos, acadêmicos, jurídicos, vistos como área masculina, e nos quais mediante a história a presença feminina era inimaginável. Esse depoimento nos permitiu conhecer os 37 anos de trabalho da entrevistada. Com formação jovem, época em que ser enfermeira era necessidade para o País. No Hospital Albert Einstein, teve destaque como a primeira enfermeira a

atuar e chefiar o serviço radiodiagnóstico. Na área da docência teve importante papel na abertura do curso de enfermagem da escola desse Hospital, e também da implantação da escola de enfermagem da UNISA. Pelas inúmeras atividades desenvolvidas, as contribuições da Profa. Isabel Cristina são marcantes por sua dedicação profissional, nas múltiplas dimensões da assistência, da gestão, da docência e, sobretudo, da sua inserção nas entidades de classe na enfermagem, tornando-se, dessa maneira, em exemplo edificante para todas as gerações de enfermeiros. Com isso, sua trajetória de vida profissional permite-lhe assumir uma posição de liderança nacional à frente do nosso tempo, na formação de profissionais competentes para o exercício, a docência, a pesquisa e a gestão de serviços de enfermagem e de saúde.

Notas

¹ O Centro Universitário Adventista de São Paulo teve sua origem no Collegio da União Conferencia Brasileira dos Adventistas do Sétimo Dia, fundado em 1915. O funcionamento da Faculdade Adventista de Enfermagem se deu em 1968.

² A Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein foi criada em 1950, e o Hospital Israelita Albert Einstein foi inaugurado em 1971, e desde então é pioneiro em alta tecnologia.

³ A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo fora criada pelo Decreto-Lei Estadual nº 13.040, de 31 de outubro de 1942.

⁴ A Escola de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo teve início oficial dos cursos de enfermagem e enfermagem obstétrica em março de 1939.

⁵ A Faculdade de Enfermagem do Hospital Israelita Albert Einstein iniciou suas atividades em março de 1989, e teve reconhecimento pelo Ministério da Educação em 1992.

⁶ A Universidade de Santo Amaro foi fundada em 1968.

⁷ Maria Kudzielicz foi Enfermeira diplomada na Casa de Saúde Liberdade em 1945.

⁸ O Hospital Emílio Ribas, foi inaugurado em janeiro de 1880.

⁹ O Hospital Servidor Público Estadual – HSPE foi fundado em 1961

¹⁰ O Hospital Auxiliar de Cotoxó funciona como uma divisão do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.

¹¹ O Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP) é uma autarquia estadual vinculado à Secretaria de Estado da Saúde e inaugurado em 19 de abril de 1944.

¹² O Complexo Hospitalar Heliópolis, é um Hospital Geral do governo do Estado de São Paulo, foi criado em 1969.

¹³ Wanda de Aguiar Horta foi uma notável Professora que introduziu os conceitos do Processo de Enfermagem no século passado.

-
- ¹⁴ A Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) foi criada em 1964.
- ¹⁵ Lore Cecília Marx é Enfermeira e atua no campo de gestão e gerenciamento em enfermagem.
- ¹⁶ Medicina de Grupo é uma modalidade de atenção à saúde.
- ¹⁷ Paulina Kurcgant é Enfermeira e Professora.
- ¹⁸ Tancredo de Almeida Neves foi um advogado, empresário e político brasileiro.
- ¹⁹ O INCOR é parte do Hospital das Clínicas e campo de ensino e de pesquisa para a Faculdade de Medicina da USP.
- ²⁰ Liliane Felcher Daniel é Enfermeira e Professora.
- ²¹ Liberato Dí Dio, foi um médico e professor anatomista, no ano de 2012 recebeu o título de anatomista do século.
- ²² Doroty Volkers Arantes é enfermeira e foi chefe do serviço de enfermagem do Hospital Emílio Ribas.
- ²³ Euryclides de Jesus Zerbini foi um médico cardiologista brasileiro, e quinto médico do mundo a realizar o transplante de coração.
- ²⁴ Maria Cristina Sanna é Enfermeira e Pesquisadora na Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo.
- ²⁵ Mauro Antonio Pires Dias da Silva é Enfermeiro e exerce a Presidência do Conselho Regional de Enfermagem São Paulo na gestão de 2012/2014.
- ²⁶ Márcia Cristina Krempel é Enfermeira e Presidente do Conselho Federal de Enfermagem no período de 2012-2015.
- ²⁷ Gilberto Linhares é ex-presidente do COFEN em duas gestões de 1991 a 1997 e reconduzido em 2000. Preso em 2005 por desvio de dinheiro público.
- ²⁸ Florence Nightingale - Florença, 12 de maio de 1820 — Londres, 13 de agosto de 1910. Foi à precursora da enfermagem moderna. Enfermeira britânica, ficou conhecida mundialmente por ser pioneira no tratamento a feridos, durante a Guerra da Crimeia.

REFERÊNCIAS

1. Carrijo AR, Leite MMJ. História, instituições e enfermagem. In: Oguisso T, Campos PFS, Freitas GF, organizadores. 2 ed. São Paulo: Manole; 2011. p. 180-181.
2. Oguisso T. Memória e história: centro histórico-cultural da enfermagem ibero-americana. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem. 2000; 4(1): 359-67.

-
3. Luchesi LB, Lopes GT. História Oral. In: Oguisso T, Campos PFS, Freitas GF, organizadores. 2 ed. São Paulo: Manole; 2011. p. 410.
 4. Sanna MC. Clarice Della Torre Ferrarini: O depoimento de uma pioneira da administração em enfermagem no Brasil. Revista História, Ciência, Saúde – Manguinhos. 2003; 10(3): 1-14.
 5. Perrot M. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto; 1997. p.181.